

EUROPEUS

(mu-mi)

240 — *NKOVA A WU NA XIBANGO**A bananeira não tem cicatrizes*

Este interessante aforismo emprega-se quando se pretende significar que, habitualmente, o europeu é incapaz de desenvolver qualquer interesse afectivo pelo indígena e, conseqüentemente, é indiferente às suas desventuras e misérias. Completa-se citando o aforismo que alude à insensibilidade do europeu, todo entregue à tarefa de amontoar dinheiro.

A comparação com a bananeira é fácil de compreender, se se recordar que esta planta herbácea prontamente se refaz e elimina os vestígios dos golpes recebidos.

Ao leitor interessado nas repercussões psicológicas das relações entre colonizadores e colonizados, aconselhamos o livro de O. MANNONI, *Psychologie de la Colonization*. Aí se estudam, objectivamente, os perigos a que pode conduzir este sentimento de abandono que não raro avassala o colonizado.

241 — *MULUNGU A NGA NA XAKA, XAKA GAKWE HI**O branco não tem parente, o parente dele é**MALI**o dinheiro*

Alude, como é óbvio, à impiedade dos europeus, mergulhados no tremedal da ganância.

242 — *A MULUNGU A NGA NA HLEBEKI**O branco não tem segredo*

Emprega-se para aludir à falta de discrição habitual nos europeus quando se trata de questões referentes a indígenas. Se um destes cai em revelar a um europeu algo que diz respeito a outro indígena, esse europeu, se a publicidade lhe for útil ou simplesmente divertida, raro se coíbe de guardar a confidência feita e o nome de quem a fez.

243 — *A 'MULUNGU A NGA GONZANGIKO A NGA KONIWI*

O branco que não estuda não é condenado

Ku Gonza = estudar.

Ku Kona = condenar.

Este enigmático aforismo parece aludir à paciência com que é preciso suportar as atitudes néscias e intolerantes frequentemente assumidas por europeus de reduzido equipamento moral e cultural, nas suas relações com os indígenas.

244 — *A WUTSANWINI GO NDZUNZIWA KU DAWA*

No lugar de seres elogiado estás morto

(No caso)

Ku Ndzunza = elogiar.

Ku Daya = matar.

Este aforismo, que é especialmente aplicável às relações entre europeus e indígenas, alude às intrigas e invejas de que o indivíduo publicamente louvado pelo seu chefe ou patrão se vê, habitualmente, vítima.

245 — *WUKOSI GA CHILUNGU, FUMA U GI TIBA*

(No) reinado da língua portuguesa dominam os que sabem

Ku Tiba = saber.

Esta expressão é baseada na circunstância, bem patente, de as autoridades europeias manifestarem preferência pelos chefes gentílicos de maior capacidade e mais conhecimentos.

246 — *MULUNGU MULUNGU*

O branco (é) branco

Pronunciado quando um indígena, que se supunha ligado a um europeu por uma verdadeira amizade, se dá conta da facilidade com que vem à tona o orgulho racial deste.

Emprega-se para explicar também a atitude parcial da autoridade europeia, naturalmente inclinada a decidir em favor do seu irmão de raça, quando se levanta qualquer litígio entre um indígena e um europeu.

247 — *MULUNGU KLABA!*

Branco do mato!

Expressão irónica aludindo aos mestiços que entre o meio indígena procuram fazer-se passar por europeus.

248 — *A BANHU BO KHARIHA BA HANYA HY NYUKO WA*
As pessoas astutas vivem do suor dos

ZIPUMBU

estúpidos

Variantes:

A TIHLARI TI HANYA HI NYUKO WA ZIPUMBU

A BOKLARIHA BA HANYA HI NYUKO WA ZIPUMBU

Este aforismo emprega-se, na generalidade, com referência aos indivíduos astutos e sem escrúpulos, que vivem da exploração dos ingénuos.

É especialmente empregado em relação aos europeus que enriquecem explorando os indígenas.

RELAÇÕES ENTRE OS MEMBROS DA FAMÍLIA

249 — *YINDLO YA MAMANE YO AKA MAHATI*

A casa da mãe é construída de cascas de árvores

250 — *A WUŠA GO BIKWA NI NUMU GI YA GIWA*

A papa é cozinhada ao meio-dia, é comida

NI GAMBO

à tarde

Ku Aka = construir uma casa.

Ku Bika = cozinhar.

Ambos estes aforismos, empregados numa situação semelhante, requerem uma explicação prévia para poderem ser compreendidos.

O casamento entre os Tsuas é uma transacção legal bastante complexa, baseada numa troca de serviços entre dois clãs e envolvendo uma transferência de gado ou de dinheiro, o *lobolo*. Os dois grupos unidos pelo casamento ficam ligados por um contrato que regula a conduta de marido e mulher, bem como a posse e a criação dos filhos.

Trata-se, pois, dum regime patrilocal, devendo o *lobolo* ser entregue pelo pai do noivo ao pai da noiva, ou respectiva família patrilinear. Pode contudo acontecer que o pai da noiva se encontre ausente e a mãe da noiva, violando o costume, receba o *lobolo* e o gaste em proveito próprio. À face do direito consuetudinário, o casamento é inconsistente, mas também não pode ser dado sem efeito visto o *lobolo* ter sido entregue. Os parentes do lado paterno da noiva não se consideraram obrigados a defendê-la nas disputas domésticas, visto não lhes ter sido entregue o *lobolo*.

Os dois aforismos podem então ser empregados pelos filhos nascidos duma união feita nas condições supracitadas, para aludirem à situação desamparada em que se encontra a mãe.

251 — HA PFATAMULA MOBA

Descascamos a cana de açúcar

O homem casado tem por obrigação manifestar o máximo respeito pelas *bahahani* (irmãs do pai) da respectiva mulher. Tanto às irmãs do próprio pai como às irmãs do pai da mulher, chama o homem casado *bahahani*. É-lhe interdito o casamento ou as relações sexuais com elas. Por morte de uma mãe, quem a substitui na obrigação de cuidar e educar os filhos é uma *hahani*. A *hahani* trata tanto a sobrinha como o respectivo marido por *mwani* (filho).

O aforismo é usado por qualquer *hahani* para, em determinada circunstância, manifestar ao marido da sobrinha que não deve esquecer os seus deveres para com ela. Por exemplo, quando efectuam juntos qualquer caminhada é ao marido da sobrinha que compete abrir caminho. Quando atravessam um curso de água, o *mwani* deve passar sempre em primeiro lugar, para que não possa ver a *hahani* desnuda, o que é em extremo inconveniente.

Esta doçura que deve existir nas relações entre *hahani* e *mwani* explica a alusão à cana de açúcar.

Segundo a tradição indígena (que não corresponde exactamente à verdade), a cana de açúcar e outras plantas exóticas foram introduzidas, há séculos, por um comerciante asiático denominado Faro. JUNOD (filho), num

seu trabalho sobre os Chopés, diz que os clãs *Nhamposi* e *Nhasengo* se julgam descendentes dos asiáticos que, sob o comando de um Faro, vieram para o país de Sewe, então ocupado por Nhambi. Casaram com as filhas deste mas subsequentemente moveram-lhe guerra, dispersaram o povo e apoderaram-se da região.

Sewe é um nome genérico, como Gaza, dado à região de Inhambane, cuja origem é obscura, provavelmente semítica.

252 — *A NATI YI GIWA HI MUKOÑWANA*

A moela é comida pelo genro

Referência às prerrogativas do genro.

Quando os sogros e o genro se juntam em qualquer refeição em que há galinha, a moela é sempre destinada ao último.

253 — *LOKU TIMBUTI TI LAHLEKA TA KLELA TI WUYA*

Quando os cabritos se extraviam tornarão a voltar

Ku Lahleka = estar extraviado.

Ku Wuya = voltar, regressar.

Alusão aos laços afectivos que ligam o indivíduo à terra natal.

Aplicável sobretudo àqueles que se ausentam por largos anos para longes terras e que resolvem um dia regressar àquela onde nasceram.

254 — *XIHLOBYANA KHAPA NI MATI*

Pocinho cheio com água

Esta expressão metafórica é empregada quando se pretende significar que os cônjuges se devem banhar juntos.

Deve explicar-se que outrora constituía prova do mais entranhado amor conjugal a mulher, depois de preparar a água para o banho, transportar o marido às costas até ao recinto destinado às abluções, e aí lavá-lo. Modernamente subsiste apenas o costume de se banharem juntos, alegando-se que não existe amor entre o casal que tal não fizer. O facto de o marido recusar banhar-se juntamente com a consorte tem consequências graves para a harmonia conjugal, porque revela o mais extremo desafecto.

- 255 — *A BEMBA A GI NA NGANGO, A NGANGO WAKWE*
A concubina não tem lar, o lar dela

HI WUNWA
é uma mentira

Alusão à instabilidade duma união com mulher não lobolada.

- 256 — *A NHANYANA I HUKU YO KHOMELA A BAENZI*
A rapariga é galinha apanhada para hóspedes

Ku Khoma = agarrar, apanhar (aplicativo em *ela* — apanhar para alguém).

Do mesmo modo que aquele que dispõe de galináceos pode a todo o momento recorrer a eles para alimentar convenientemente os seus hóspedes, assim também aquele que dispõe de uma filha tem assegurada a solução das suas atribulações, visto representar capital e alianças.

Outrora, em caso de crime de morte, a família do assassino devia fazer entrega duma rapariga, não dum rapaz, à família da vítima; os filhos que produzisse compensá-la-iam pela perda sofrida.

- 257 — *A XIMBUTANA A XI KOHLWI HI NYINE WA*
O cabrito . não . é desconhecido pela mãe de
XONA
ele próprio

Ku Kohlwa = desconhecer.

Referência evidente aos laços que prendem uma mãe aos filhos que gerou e às preocupações que tem quanto ao seu bem-estar.

- 258 — *HI CHINZWANYANI SIYELA KULE*
É (como) o «chinzwanyani» (que) varre longe

Alusão às pessoas em demasia generosas que desleixam os próprios assuntos para cuidar dos alheios. Empregado pela mulher que vê o marido descuidar o próprio lar para se dedicar a outros interesses.

O *chinzwanyani* é uma variedade de palmeira que nasce nas margens dos rios. Tem folhas compridas e recurvas cujas extremidades, com a agitação do vento, limpam o solo onde tocam, deixando suja a área que circunda o tronco.

259 — *LOKU U GA TIMANGA GANA NI MADOHE YA*
Quando comerés o amendoim come-o com os miúdos de
KONA
ele

Madohe = nome dado ao amendoim mais miúdo.

Emprega-se para aconselhar paciência aos que não mantêm boas relações com a família da mulher com quem se casaram. Casando-se, o homem outro caminho não tem senão tolerar a família da consorte.

260 — *A WUŠA GA MUKOBYA A GI NA WUKOKO*
A massa de farinha de mapira não tem esturro

Emprega-se este aforismo para aludir aos perigos que podem advir, para a harmonia e estabilidade dum lar, das excessivas intimidades entre cunhados.

Não conseguimos apurar qual a relação entre tal situação e o esturro a que se refere o texto.

261 — *A SATI WA NZHAKA A NGA ENELI*
A mulher herdada não basta

Kuga nzhaka = herdar.

Ku Enela = bastar.

Segundo o costume do levirato seguido pelo direito gentílico, as viúvas são herdadas pelo irmão mais novo do falecido. Mas a essas mulheres não é concedido valor idêntico ao que têm as que são loboladas. Não gozam das mesmas prerrogativas, nem da mesma consideração social, nem o herdeiro pode exigir delas o mesmo que exige à mulher que lobolou.

262 — A. MHANGELA LOKU GI NGA HI NA BANA

A galinha do mato quando não tem filhos

MABALA YA HABA NTSENA

² ³ ¹
(é) cores sem valor apenas

A mulher, por muito formosa que seja, não tem qualquer valor se for estéril.

263 — A WUSIWANA WONA HI MAMANI LOKU

A tristeza aparece por causa da mãe quando

A ENZILE

ela partiu

Ku Enza = viajar, partir em viagem.

Refere-se à tristeza que reina entre as crianças num lar privado da mãe, por morte ou abandono.

264 — ^(sing. tanza)
A KUFA KA HUKU A MANZA YA KONA MA

(Por) morte da galinha os ovos da mesma

BOLILE

apodreceram

Ku Bola = apodrecer.

Alusão à situação desgraçada em que ficam as crianças orfãs de mãe.

265 — A NGANGO A WU NA XIYIMU

O lar não tem altura

Não é pelas aparências externas que se podem avaliar as condições económicas ou a harmonia de cada lar.

266 — *A KUKU A WU HLETELI ŽIHUKWANA*

O galo não cuida dos pintainhos

Ku Hletela = cuidar.

Alusão à incapacidade do homem que perdeu a esposa, para tratar a contento dos filhos.

267 — *KU BELEKA WUKOSI*

Gerar filhos (é) riqueza

Citado pelos pais que tiveram a dita de dispor de filhos que, na velhice, os cobrem de carinhos e dádivas.

268 — *DADANI XI RIMA SIMU HI NOMU!*

O pai cultivava a machamba por meio da boca!

Jocosos reparos feitos por um filho a um pai incapaz de o ensinar pelo exemplo, mas que se prodigaliza, no entanto, em admoestações e conselhos.

269 — *A MUNGANA XI WOLA MAHLATA, NI XAKA*

O amigo elimina os vômitos e o parente

XI WOLA NKHATA

elimina o sangue

Ku Wola = eliminar.

Os amigos podem ajudar-nos em pequenos apuros, mas quando acontece estarmos envolvidos em sérias contrariedades só os parentes são capazes de mobilizar todos os recursos ao seu dispor para nos socorrerem.

(gi-ma)

270 — *A NHONGANI A YI NA RAMBU*

A mosca não tem osso

Admoestação aos que não tratam com o devido carinho qualquer criança afastada ou privada de família. A fragilidade da criança e os cuidados especiais de que é preciso rodeá-la para poder sobreviver constituem uma característica biológica da espécie humana que, no aforismo, se compara à qualidade invertebrada da mosca.

271 — *XIRUNZWANA XA XIŠA MA CHEKELA NYAMA*

O cesto novo guarda a carne

Ku Chekela = guardar.

Metáfora aludindo ao período de euforia amorosa e de mútua felicidade inicialmente atravessado por todos os recém-casados, ainda ignorantes dos desentendimentos e disputas que com o decorrer dos anos hão-de, inevitavelmente, surgir. A lua-de-mel dos jovens e apaixonados casais é comparada à carne que, por ser considerada um alimento precioso, é guardada em cestos novos.

272 — *A WASATI KU NA DOTA*

A mulher não tem conselheiro
(*não dá*)

Ironia sobre a inaptidão da mulher para dar conselhos avisados.

273 — *KU HABA NHOVU YI NGA HI KU NA MARIMILA*

Não há nariz que não tenha muco

Emprega-se, por exemplo, à guisa de justificação, pelo indivíduo a quem alguém estranha o facto de se envolver em contínuas disputas conjugais. Essas disputas, afinal, são tão naturais no lar como o muco no nariz.

274 — *A NGANGO I ŽIYO A KUHANYENI*

O lar é (fonte de) desavenças na vida

Žiyo designa especificamente as disputas conjugais. As não conjugais são denominadas *mazunga* (pl.).

Alusão às desavenças conjugais, inevitáveis em todos os lares.

275 — *A KUXADA I NALA WA WUTOMI*

O matrimónio é inimigo da saúde

Cínica referência masculina às desvantagens inerentes à situação matrimonial.

276 — *A WUXAKA 'GI PATSA NI WUNGANA**O parentesco junta-se com a amizade**Ku Patsa, juntar, é aqui empregado no sentido de equivaler a.*

O sentimento que une dois amigos verdadeiros só é comparável ao que une os membros duma família.

277 — *WUXAKA GI XAKELA MIRI**O parentesco prejudica o corpo*

Um ressentido procura, com a citação deste aforismo, significar que, por vezes, maior mal advém de parentes do que de estranhos, devido aos direitos que os primeiros se arrogam ter de interferir na sua vida privada.

278 — *A NGHALA A YI NA XAKA**O leão não tem parente*

Referência aos indivíduos particularmente perversos que não hesitam em causar dano aos próprios parentes.

279 — *U TA NGA WONA NWERETI WA NGA MILA**Não verás «nwereti» (onde) brote**BYANYI**capim**Ku Mila = brotar.*

Nwereti é a pequena concavidade produzida numa árvore por qualquer ramo arrancado ou outra causa, concavidade onde se acumula habitualmente a água das chuvas. Nela, como é óbvio, não pode brotar o capim, que necessita de solo.

O dito tem sentido irónico e é usado, por exemplo, pela mãe duma criança que chora, quando alguém lhe chama a atenção para o facto. De espantar seria que nunca chorasse.